

“TERESINA: SITUAÇÃO DE CALMA E ORDEM”: as representações do golpe de 1964 nos jornais piauienses (1961-1969)²⁸

“TERESINA: A SITUATION OF CALM AND ORDER”: the representations of the 1964 coup in piauiense newspapers (1961-1969)

Joel Marcos Brasil de Sousa Batista²⁹
Francisco de Assis de Sousa Nascimento³⁰

Resumo: Neste artigo visamos analisar as representações produzidas pela imprensa piauiense durante o golpe de 1964 e a instalação do regime ditatorial. Como objetivos específicos, analisamos como os jornais representaram a repressão no pós-golpe no estado do Piauí. Investigamos o “lugar social” dos jornais piauienses analisados com o intuito de entender quais são os grupos sociais que compõem os noticiosos e quais os interesses que eles defendem. As fontes hemerográficas utilizadas foram: *O Dia e Estado do Piauí*. A metodologia utilizada foi de natureza hemerográfica, bibliográfica, qualitativa e empírica. A pergunta norteadora da pesquisa: como os jornais piauienses representaram o golpe de 1964 para os seus leitores? Os principais autores utilizados foram: Certeau (1998), Castro (2022), Oliveira (2008), Fico (2014), Reis Filho (2000).

Palavras-chave: Ditadura militar; Golpe de 1964; Imprensa piauiense; Piauí.

Abstract: In this article we aim to analyze the representations produced by the Piauí press during the 1964 coup and the installation of the dictatorial regime. Specifically, we analyzed how the newspapers represented the post-coup repression in the state of Piauí. In addition, we investigated the “social place” of the Piauí newspapers analyzed in order to understand which social groups make up the news and what interests they defend. The hemerographic sources used were: *O Dia* and *Estado do Piauí*. The methodology used was hemerographic, bibliographic, qualitative and empirical. The guiding question of the research was: how did the Piauí newspapers represent the 1964 coup to their readers? The

²⁸ Essa pesquisa foi financiada pela agência de fomento CAPES/DS.

²⁹ Mestrando em História do Brasil pelo programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Bolsista da CAPES/DS. E-mail: joelmarcosbrasil@gmail.com e Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/523590666207169>.

³⁰ Possui doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Atualmente, é Professor Associado IV da Universidade Federal do Piauí - UFPI, do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. E-mail: franciscoufpi@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6305918928692600>.



main authors used were: Certeau (1998), Castro (2022), Oliveira (2008), Fico (2014), Reis Filho (2000).

Keyword: Military dictatorship; 1964 coup; Piauí press; Piauí.

Introdução:

Objetivamos analisar os posicionamentos da imprensa piauiense em relação ao golpe de 1964, no estado do Piauí. Consideramos o “lugar social” dos veículos de comunicação a fim de entender quais eram os grupos sociais que financiavam os jornais e quem eram os seus público-alvo, ademais, investigamos o desenrolar o golpe pós-golpe no estado e como foi representado pelas elites locais nos setores de comunicação.

Segundo Barros (2023, p.32), os jornais não são apenas veículos de informações, pois os periódicos sejam impressos, transmitidos pela rádio ou televisão, não se limitam em informar os “fatos” aos leitores ou ouvintes, mas difundem “[...] ideias e valores, e através destas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses [...]”, nesse sentido, não consideramos os jornais como veículo de informação imparcial e objetivo, mas como um veículo de comunicação que tem a matéria repassada no jornal, interligada com a comunicação de ideias, de valores e com projetos ideológicos de poder sobre o corpo social, apesar de se auto representar como “objetivo” e “confiável” para a sociedade.

Os jornais piauienses escolhidos foram o jornal *O Dia e Estado do Piauí*. O primeiro, foi um periódico de fundado em 1951 por Raimundo Leão Monteiro, em 1964 foi comprado pelo coronel da reserva e empresário Octávio Miranda (1912-2002)³¹, o noticioso possuía um viés empresarial, liberal e diário, possuía uma coluna editorial diversificada – com colunas de política, esporte, moda, cultura e sociedade –, tinha uma postura alinhada aos setores conservadores da sociedade piauiense, em especial aos grupos políticos filiados a UDN (Oliveira, 2007, p. 55-58).

³¹ Octávio Miranda (1912-2002) foi um coronel da reserva do Exército brasileiro, e um empresário responsável pela modernização do jornal *O Dia*, até então um jornal modesto que circulava semanalmente, para um jornal diário com uma estrutura empresarial.



O periódico *Estado do Piauí*, segundo Mota (2024, p.141) foi um periódico fundado em 1928 pelo político e jornalista de Hugo Napoleão do Rego, teve suas atividades paralisadas em 1930, sua circulação retornou em 1957 com a direção de Josípio Lustosa³². O jornal era semanal possuía posição política baseada na linha política do proprietário. Possuía colunas políticas opinativas e políticas, o periódico contava com 4 ou 8 página, era semanário e diferente do jornal *O Dia*, se colocava contrário as elites locais do estado do Piauí, em especial ao grupo político liderado pelo Petrônio Portella Nunes³³ e durante a ditadura militar seu proprietário foi filiado ao MDB, adotando uma postura de “oposição” a algumas medidas do regime ditatorial.

Visamos a partir desses jornais piauienses escolhidos, analisar como esses veículos de comunicação impressos representaram para os seus leitores piauienses, os seus posicionamentos políticos a respeito do golpe de 1964 e o governo ditatorial que foi instalado, outrossim, analisamos como os jornais revelam os posicionamentos de diversas “vozes” da sociedade.

O artigo foi dividido em duas partes: o primeiro tópico, analisamos a recepção que os jornais piauienses analisados tiveram com o golpe civil-militar³⁴ e com a ditadura

³² Josípio da Silva Lustosa (1906-1990), foi jornalista e política proprietário e diretor-geral do jornal *Estado do Piauí*, foi diretor geral da fazenda dos governos Chagas Rodrigues (1958-1962) e no primeiro ano do governo Petrônio Portella (1963-1966), após a sua demissão foi oposição ao seu governo e seu grupo político. Foi filiado ao partido MDB durante a vigor do bipartidarismo durante a ditadura militar, foi candidato ao senado em 1970, mas perdeu para o ex-governador Helvídio Nunes de Barros. Link de acesso: <http://acervoatitofilho8.blogspot.com/2012/01/narrativa.html>.

³³ Petrônio Portella Nunes (1925-1980), foi um político piauiense, natural do município de Valença. Na política exerceu os cargos através da eleição pelo voto direto aos cargos de deputado estadual (1954-1958), prefeito de Teresina e governador do estado do Piauí (1963-1966), pela UDN. Durante a ditadura militar, com o vigor do bipartidarismo partidário, foi filiado a ARENA – partido de sustentação do regime militar – foi eleito pelo voto direto ao cargo de senador da República (1967-1980), exerceu no regime, os cargos de presidente do Senado Federal entre 1971-1973, 1977-1979; foi presidente da ARENA entre 1973-1975 e Ministro da Justiça (1979-1980) do governo Figueiredo (1979-1985). Link de acesso: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/petronio-portella-o-senador-que-negociou-o-desmonte-da-ditadura-militar>.

³⁴ Consideramos o golpe de 1964, apesar de ter sido protagonizado e iniciado por membros das Forças Armadas, um golpe civil-militar, pois o golpe contou com um amplo apoio que não foi restrito aos quartéis, tendo em vista que contou com a adesão e o apoio de setores expressivos da sociedade civil: o empresariado nacional e multinacional, a grande imprensa, os setores da classe média urbana, as oligarquias rurais, as instituições religiosas, os políticos, os profissionais liberais e até os trabalhadores



militar³⁵, analisando seus posicionamentos e as representações difundidas. Por fim, destacamos as tensões entre os periódicos piauienses com o governo ditatorial, em meio ao seu endurecimento.

Teresina “calma” e “tranquila”: a repercussão do golpe de 1964 nos jornais piauienses

Apesar de existir no *senso comum* o “mito” do Piauí não ter sido impactado pelo cenário internacional e nacional devido ao isolamento do estado, o mesmo vivenciou na década de 1960 os reflexos das expectativas em prol do desenvolvimento do país, o cenário político partidário, as discussões pelas reformas de base, a mobilização de setores sociais em prol dos seus direitos e os impactos da instalação da ditadura militar.

A imprensa piauiense teve forte participação nas discussões políticas com a publicação de manchetes e de colunas de caráter opinativo sobre o contexto nacional. Devido à vinculação dos setores da mídia impressa com os partidos políticos e com os grupos conservadores do estado durante o governo Goulart por causa da sua forte oposição às reformas de base, em especial a agrária, utilizaram os jornais impressos para difundir representações anticomunistas que vinculassem o governo e as reformas ao comunismo.

Segundo Castro (2022, p.243), a mídia piauiense, como os jornais *O Dia*, *Estado do Piauí* e *Jornal do Piauí*, difundiram textos com críticas profundas ao governo Goulart, atrelando as suas propostas de reformas a “subversão” e conectando suas medidas com os governos comunistas, visando deslegitimá-lo e desgastá-lo politicamente por meio de representações anticomunistas.

Após a eclosão do golpe civil-militar de 1964, os setores da sociedade civil que apoiaram a deposição de João Goulart utilizaram uma parcela da imprensa nacional em favor da difusão de representações discursivas que justificavam o golpe de 1964,

³⁵ Usamos a expressão ditadura militar, governo ditatorial, regime militar e regime ditatorial para aludir ao governo autoritário e repressivo que foi instalado, pois apesar de ter o apoio de setores expressivos da sociedade civil, tais como: a grande mídia, empresariado, ter a presença de tecnocratas, bacharéis, políticos influentes e magistrados no governo militar; quem estava no controle do centro decisório da presidência era a alta oficialidade militar



impondo suas visões de mundo como um modo de defesa dos “valores cristãos”, da “democracia” e no estado do Piauí não foi diferente. Em específico, no jornal *O Dia* observamos que a partir do dia 13 de março de 1964 – data do Comício da Central do Brasil – ao dia 31 de julho de 1964, divulgava de maneira incisiva representações anticomunistas contra o governo petebista, com colunas: *Estado maior da subversão* (*O Dia*, 15/03/1964, p.3), *A democracia reage* (*O Dia*, 20/03/1964, p.3), *Por Deus pela Liberdade* (*O Dia*, 21/03/1964, p.8), *Trégua e Prece* (*O Dia*, 26/04/1964, p.3) e entre outros. Consideramos que essas representações revelam as vozes conservadoras e tradicionais do estado do Piauí que temiam que as reformas sociais pudessem ameaçar os seus interesses políticos e sociais.

O periódico *O Dia*, após a “consumação” do golpe civil-militar, representou uma visão positiva deste evento para os seus leitores, com o título: *Brasil a caminho da paz* (*O Dia*, 02/04/1964, p.1), podemos inferir na manchete um pretensão “desfecho” glorioso e esperançoso depois de um período de crise que o Brasil se encontrava.

De acordo com Oliveira (2008, p.71-76) na análise das representações anticomunistas difundidas pelos setores da imprensa piauiense, observou uma ênfase nos discursos dos jornalistas, políticos, militares e intelectuais, em destacar que o Brasil nunca seria um país comunista, porque iria contra a “tradição democrática brasileira” e o povo brasileiro devido sua “tradição” não iria se adaptar a uma ditadura violenta e atea que seria o comunismo – devido sua pacificidade, cristandade e tradição “democrática”.

A retórica da democracia ser uma “tradição democrática brasileira”, foi uma “tradição inventada”³⁶ criada no contexto de reafirmação das identidades, utilizadas pelas direitas com o objetivo de afastar da população em nível discursivo qualquer identificação com o comunismo.

³⁶ Entendemos como “tradição inventada” como um conjunto de práticas que são reguladas por meio de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamentos, através da repetição, dando uma continuidade com relação com o passado evocado.



Vale salientar que a pacificidade e tranquilidade é uma visão muito difundida sobre a cidade de Teresina e dos teresinenses, em especial pelos intelectuais da Academia Piauiense de Letras, como podemos observar nesse excerto escrito por Arimathéia Tito Filho em que destaca que apesar das mudanças a capital piauiense continua sendo “tranquila”:

Muitos dizem que Teresina tem sofrido mudanças notáveis, em todos os aspectos. A cidade cresceu. Nascida com a igreja do Amparo - edificada entre dois rios - o Parnaíba e o Poti -, a cidade atravessou o Poti, onde surgiram novos bairros, e caminha nesse sentido, acompanhando o asfalto, no rumo de outra cidade. [...]. Cresceu muito nas espiritualmente continua a mesma Teresina de amor, alegre nos vestidos de chita das suas caboclas proletárias e de classe média, acolhedora, apadrinhada de santas e santos bons. A mesma Teresina de ontem. E ontem como hoje: **Tranquila, Afetiva e Pitoresca**. As cidades nascem com a sua **alma**, assim como o **sal** da sua vida. Crescem, mas conservam o **espírito** de quando nasceram (Tito Filho, 1973, p.29).

O discurso foi produzido durante a década de 1970 por Arimathea Tito Filho sobre a cidade de Teresina, durante o processo de modernização e urbanização, contudo, o autor salienta e destaca em negrito, os nomes “tranquila, afetiva e pitoresca”. Esses destaques não são aleatórios, visto que representa a visão de parcelas das elites piauienses visam passar uma imagem para o Piauí e sua capital, um ambiente tranquilo e calma com a finalidade de silenciar e colocar no esquecimento as lutas e reivindicações sociais.

A representação de que o brasileiro possui “abominação” à violência e a subversão foi divulgada no jornal *O Dia*, durante os eventos do golpe de 1964, apresentando Teresina como um local pacífico e calmo, diferente das outras capitais do país:

Indiferente à situação que atravessa o país, o teresinense amanheceu ontem, calmo e tranquilo, continuando seu ritmo de vida, já tradicional e dado à quietude e serenidade. Foi um dia, o de ontem, sem passeatas, sem comícios, sem bagunça, sem estardalhaços de qualquer que fôsse as correntes políticas que se entrechassem no cenário nacional [...]. Com muito calor, bastante cansado e com inúmeros problemas, o teresinense viu uma vez o sol se pôr e a cidade ser coberta pelo manto negro da noite, sem, no entanto, alterar a sua já proverbial calma e tranquilidade do espírito, pacífico, que nos caracteriza os filhos da “chapada do corisco” (*O Dia*, 02/04/1964, p.8).



Através do título da coluna jornalística, *Teresina: situação de calma e ordem*, escrito pela equipe editorial do jornal, é possível flagrar uma intenção de representar uma Teresina tranquila, avessa à violência, à repressão ou a qualquer tipo de desestabilização social, uma cidade na qual seus habitantes, por possuírem um “espírito pacífico”, se preocupam em trabalhar e seguir seu ritmo de vida cotidiano.

Consideramos que essa representação que salienta uma “Teresina tranquila e calma” não é aleatória ou algo que estava fora da realidade, pois essas representações foram elaboradas com base na suposta “tradição democrática brasileira” que foi difundida nesse contexto. Podemos inferir que o autor se apropriou dessa representação com as singularidades da cidade de Teresina com o objetivo de indicar o não apoio da sociedade piauiense ao governo deposto, bem como a ausência de um partidarismo em favor das propostas destronadas pelo golpe de 1964. Além de apontar que a capital do Piauí era uma cidade pacífica que os trabalhadores não se insurgem e que não são envolvidos em manifestações e em mobilizações reivindicatórias.

O clima de “tranquilidade” não era apenas difundido pelo jornal, como estava de acordo com o discurso dos militares e com os da elite locais. O então governador do estado do Piauí, Petrônio Portella Nunes (1963-1966), que teve um posicionamento aparentemente ambíguo durante o golpe de 1964, ao apoiar em primeiro momento o presidente João Goulart e após a consumação do golpe, passa para o lado vencedor. No seu pronunciamento oficial, em favor do governo estabelecido pelo golpe civil-militar, aponta que os piauienses ajudaram a manter um ambiente de normalidade e de calma:

Ao povo piauiense:

No momento em que o país emerge de uma grave crise cívico militar, cabe dirigir-me ao povo para esclarece que reina calma e tranquilidade em território piauiense. Guardados os prédios públicos federais e estaduais a Polícia Civil e Militar e contando com a colaboração da Guarnição Federal, nada se verificou de anormal; tivemos integralmente a ordem pública neste Estado. O povo soube atender ao nosso apelo e contribuiu, de forma decisiva, para que tudo ocorresse normalmente. Comunico ao povo piauiense que perante o Congresso Nacional, desde as primeiras horas de hoje, assumiu a Presidência da República o Deputado PASCHOAL RANIERI MAZZILLI [...].

Teresina, 2 de abril de 1964



Petrônio Portella Nunes

Governador do Piauí (Piauí, 02/04/1964).

Essa defesa para que o povo fique na tranquilidade e favorável ao golpe de 1964, foi defendida pelos militares, por meio da Guarnição Federal do Piauí, que divulgou uma nota pelo jornal *O Dia*, destacava o apoio que o teresinense deu ao Exército:

A Guarnição Federal de Teresina integralmente solidária com o 4º Exército e 10ª Região Militar, no firme propósito de preservar a paz e tranquilidade do povo teresinense, fez veemente apelo para que todos confiem na patriótica e democrática ação das Forças Armadas, colaborando de maneira decisiva, na preservação da ordem e segurança da família brasileira. Nesse sentido, o Comando da Guarnição recomenda a todos indistintamente, que se abstenham de participar de quaisquer pronunciamentos ou manifestações públicas, que por venham perturbar o clima de absoluta tranquilidade, ora reinante nesta Capital, os quais serão enérgica e prontamente reprimidos (Nota apud *O Dia*, 03/04/1964, p.1)

Na *Nota* da Guarnição Federal de Teresina, reproduzida pelo jornal *O Dia*, percebemos que essa representação de um clima de “paz” e “tranquilidade”, era uma posição e imagem defendida, tanto pelos setores liberais-conservadores que apoiaram o golpe civil-militar, quanto pelas Forças Armadas. Percebemos nesse trecho, uma preocupação por parte dos militares representados pela Guarnição Federal de Teresina, de representarem um ambiente de uma Teresina alheia às reivindicações e a violência.

Contudo, pela nota emitida pela Guarnição Federal, percebemos que os militares não apenas defendiam um ambiente de “paz” e “tranquilidade”, como iriam impor por meio da repressão se considerassem necessário, que se traduz num ambiente sem manifestações políticas e sem pronunciamentos políticos contra o golpe de 1964 e a instalação da ditadura militar.

Apesar de não termos acesso aos periódicos referentes ao mês de abril do jornal *Estado do Piauí* de Josípio Lustosa, o mesmo representou um ambiente de euforia e entusiasmo ao regime ditatorial instalado. Inclusive, seus colunistas como Francisco Costa e Silva, defendia o chamado “governo revolucionário” chefiados pelos militares:



[...]. O governo revolucionário ao mesmo tempo que combate o comunismo abre as baterias contra os dilapidadores de dinheiro público, contra os que praticam crimes contra a economia popular e contra os que em atividades mercantis, agrícolas e industriais lesam o erário público com sonegações de impostos e com o contrabando. Se os civis, com honrosas exceções, não souberam governar a Nação com dignidade, clarividência e patriotismo, que os militares, então, por uma temporada até que sejam expurgados da vida pública os incapazes, os venais e corruptos. (Estado do Piauí, 14/05/1964, p.1).

Na coluna escrita pelo Cunha e Silva no jornal *Estado do Piauí*, podemos observar uma defesa ao governo ditatorial em nome do combate ao comunismo e da corrupção, ademais, o jornalista defende a necessidade dos militares de dirigir a Nação por causa da incapacidade dos governos civis de resolverem as crises políticas. Nessa representação pode verificar a difusão da ideologia que defendia a superioridade moral dos militares em dirigir o Executivo, algo defendido pelas Forças Armadas em nome da segurança nacional e o desenvolvimento econômico. Apesar de ser pregado esse clima de “tranquilidade” e de “paz” em Teresina, como se não fosse atingida pela conjuntura nacional, o estado do Piauí, assim como todo o Brasil sentiu os impactos da repressão policial militar violenta que aconteceu após o golpe. Segundo Castro (2022, p.174), as organizações trabalhistas e petebistas, somadas com as organizações sindicais e rurais, foram as primeiras a sentirem a brutalidade do Estado militarizado por meio de repressão, do controle do aparato burocrático administrativo e das intervenções judiciárias.

Entre a censura e autocensura: a relação entre os jornais piauiense e a ditadura militar no pós-golpe

Segundo o livro de memória de Deoclécio Dantas³⁷, o golpe civil-militar atingiu a capital do Piauí, com um sistema de comunicação que funcionava com três rádios e seis jornais impressos, tendo suas publicações de “[...] manchetes, editoriais e artigos de jornais eram patrulhados por um capitão do Exército, à disposição do qual, todas as

³⁷ Deoclécio Dantas Ferreira (1938-2015) foi editor dos jornais piauienses *O Dia*, *O Estado*, *Folha da Manhã*, *Voz do Piauí* e *Jornal do Piauí*; repórter, noticiarista, redator e diretor do jornalismo da *Rádio Pioneira*; repórter e apresentador das *TVs Clube e Pioneira*; assessor de imprensa da *Associação Comercial Piauiense*; vereador de Teresina (1977-1978); deputado estadual (1979-1985) e vice-prefeito de Teresina (1986-1988)



noites, a partir de 21 horas, eram colocadas as cópias das páginas que comporiam a edição do dia seguinte” (Dantas, 2008, p.8). Isto é, desde a eclosão do golpe de 1964 a imprensa escrita era vigiada pelos militares acerca de quais informações seriam publicadas para a população.

A censura não atingiu apenas a imprensa escrita, como também o rádio, por Teresina não ter um canal de televisão à época, o rádio era o principal veículo de comunicação que a maioria da população tinha acesso, em especial por não precisar de letramento (Nascimento, 2006, p.24-25). Nesse sentido, conforme o relato de Dantas (2008, p.8), a censura nas emissoras de rádio era realizada pela Polícia Federal, que distribuía as tirinhas de papel - famosos bilhetinhos – sem carimbo e sem assinatura, informando o que não poderia ser abordado.

Estudar a censura à imprensa durante o regime ditatorial é um desafio, primeiramente pela tendência de considerarmos a censura como um ato unilateral do Estado autoritário, como se a ditadura fosse um estado todo-poderoso, livre de contradições internas e externas e o único condutor dos destinos da Nação e pela memória coletiva que foi construída pelos veículos de comunicação no contexto da transição política, que os colocava como se fossem vítimas da censura ditatorial e lutassem desde o início em prol da liberdade democrática (Aquino, 1999, p.21).

Destacamos a dimensão de uma prática de censura, muitas vezes negligenciada, que é a “autocensura”. A autocensura segundo Aquino (1999, p.222) diz respeito à aceitação por parte das direções editoriais, dos jornalistas e aqueles responsáveis e ligados na produção de matérias, em acatar as ordens transmitidas pelos órgãos de governo. Essa prática jornalística pode ser vista pelo um olhar mais amplo com um tipo de colaboracionismo e acomodação com a ditadura militar, com objetivo de não se indispor e não se prejudicar com o governo.

Demarcar a prática censura nos jornais escritos piauienses é uma análise que requer cuidado, em especial porque no Brasil, a ditadura não assumia sua feição ditatorial, tentando representar para a sociedade uma “fachada democrática”, nesse



sentido a censura à imprensa, não acontecia na maioria das vezes de maneira oficial³⁸, mas por meio de bilhetinhos, ameaças e violência militar.

De acordo com Aquino (1999, p.223), na sua análise da relação dos jornais da grande imprensa com o regime militar, ocorreu mais autocensura que a censura prévia durante o pós-1964. No Piauí, nos jornais piauienses podemos observar a mesma tendência, em especial nos jornais de cunho mais empresarial como o jornal *O Dia e Estado do Piauí*.

Fazendo o levantamento das fontes hemerográficas do jornal *O Dia*, percebemos nas suas edições diárias que este veículo de comunicação não se apartou em noticiar as ações dos policiais militares, com a chamada “Operação Limpeza”³⁹, inclusive as prisões não tardaram de ser noticiadas, sendo utilizado uma linguagem para incriminar os acusados, como podemos observar no excerto:

O P.C funcionava na Rua Santa Luzia, desta Capital e a Frente de Mobilização Popular, por incrível que pareça na Câmara de Vereadores de Teresina. Também foram encontradas listas de simpatizantes e colaboradores do partido, como, por exemplo. Deusedit Mendes Ribeiro, Alberoni Lemos, Honorato Gomes Martins etc. Já se encontra presos os elementos: José Pereira de Sousa, vulgo Zé Ceará, Secretário Geral do P. C. em Teresina, e recém chegado da Rússia de onde trouxe abundante material subversivo. Honorato Gomes Martins, Acadêmico de Direito, ativo e perigoso líder comunista no seio dos estudantes e Ligas Camponesas, responsável pelo prédio onde funcionava a sede do Partido Comunista. Jesualdo Cavalcante Bastos. Acadêmico de Direito e Vereador de Teresina pela legenda do P.T.B, elemento comunista de grande atuação nas classes operaria, estudantil e agrícola (O Dia, 05/04/1964, p.1).

No fragmento da manchete *Desbarato o Partido Comunista, Secção do Piauí*, notamos a cobertura das ações do Exército contra os supostos “comunistas”. Nesse trecho, é notório o detalhamento do jornal *O Dia* em destacar onde essa suposta célula

³⁸ A censura era realizada pelas batidas policiais e ameaças por meio dos bilhetinhos. Após, a edição do AI-5 as sedes dos jornais poderiam ser invadidas, seus funcionários presos e os jornais fechados. A censura só foi regulamentada em nível de lei, com o Decreto nº1.077/70 que estabelecia a censura prévia o jornal inserido na lei da censura prévia, teria as suas matérias analisadas por um censor na própria redação ou envio do material ao Departamento da Polícia Federal da cidade ou à sua sede, em Brasília (Kushnir, 2001, p.39).

³⁹ A operação limpeza foi o nome com que ficaram conhecidas as operações militares que segundo a retórica “expurgava” e “limpava” os corruptos e comunistas, com os grandes números de prisões, cassações de mandato e de direitos políticos e civis.



comunista funcionava, quem foi preso, quem eram e quais as suas supostas atividades e qual era o seu envolvimento na “subversão” comunista.

Segundo Castro (2022, p.255), as batidas policiais, as prisões arbitrárias, a repressão policial e a censura a atividade oposicionista com a chamada “operação limpeza” eram cotidianamente propagadas pelo jornal *O Dia*, por meio da divulgação dos boletins elaborados pela Guarnição Federal de Teresina. O jornal inclusive divulgou uma notícia com o título: *Marcados para morrer* (*O Dia*, 09/04/1964, p.1) que revelava uma suposta lista de autoridades piauienses que seriam assassinadas pelos comunistas. Essa representação apesar de não ter indícios de veracidade, foi utilizada pelos militares e pelos mídia impressa para divulgar um cenário de medo, com a finalidade de legitimar as prisões e a perseguição a opositores políticos.

Em meio a divulgação da repressão policial contra opositores e movimentos sociais maneira exaltadora, a mídia impressa *O Dia* teve colunistas, como Simpício de Sousa Mendes, que difundiam representações anticomunistas com o intuito de gerar um cenário de pânico e que legitimasse a repressão, como podemos verificar nos títulos das suas colunas diárias: *Comunismo e a revolução* (*O Dia*, 02/04/1964, p.3), *Técnica comunista* (*O Dia*, 05/04/1964, p.3); *Terreno Minado* (*O Dia*, 07/04/1964, p.3), *As raízes do câncer* (08/04/1964, p.3), *Terror comunista* (*O Dia*, 12/04/1964, p.3) e entre outros, disseminando uma visão maniqueísta simplória de bem versus mal contra a “ameaça comunista”

A exaltação das prisões, das operações militares no estado do Piauí e a difusão das representações anticomunistas não foi algo isolado do jornal *O Dia*, mas foi presente em outros periódicos, no jornal *Estado do Piauí*, inclusive durante os meses de maio-agosto, fizeram uma retrospectiva das operações realizadas pela Guarnição Federal de Teresina, iniciadas no dia 31 de março, como podemos analisar no excerto:

Em consideração à opinião pública de nossa terra, publicamos um resumo dos acontecimentos relacionados com a Revolução de 31 de março em terras piauienses e dos trabalhos patrióticos executados por figuras ilustres do Exército Nacional que compõem no Piauí o Estamo Maior Operacional, distinguindo as o



Cel. Francisco Mascarenha Façanha, mui digno Comandante da Guarnição Federal de Teresina, o Major Wellington de Figueredo Costa, Chefe do Estado Maior e ao mesmo tempo, Subcomandante do 25ºB/C e Chefe das relações públicas da chamada Operação Limpeza (Estado do Piauí, 18/06/1964, p.1-3).

No excerto de notícia, *Resumo dos acontecimentos, na Guarnição Federal de Teresina, com início em 31 de Março de 1964*, observamos um modelo de retrospectiva das operações militares executadas pelos militares, representados pela Guarnição Federal de Teresina desde do dia 31 de março de 1964 até a data da publicação. Analisando o conteúdo, podemos constatar uma notícia não apenas informativa, mas que exaltava as ações militares, os inquéritos policiais militares, as batidas em sindicatos e a organização de outras atividades, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

Essa retrospectiva das atividades da Guarnição Federal de Teresina, foram publicadas pelo jornal *Estado do Piauí*, nos dias 18 de junho, 25 de junho, 02 de julho, 09 de julho, 16 de julho, 23 de julho, 30 de julho e 06 de agosto de 1964. Publicações numa quantidade considerável quase contínua, uma vez que o jornal era semanário, notícias não só de caráter informativo, mas opinativa que enaltece as Forças Armadas por terem impedido o Brasil de se tornar comunista.

Acreditamos que os jornais piauienses exploravam o “poder simbólico”, que possuía através das sensibilidades que a população possuía – o medo do comunismo – para instaurar um sentimento de pânico geral na sociedade com a finalidade de justificar a intervenção, os inquéritos e as medidas de repressão executadas pelos militares.

Para Castro (2022, p.255), a intenção dos jornais piauiense em divulgar representações que retratavam as operações militares, além de garantir apoio e simpatia a opinião pública aos militares, os boletins ilustram “[...] o quanto se estabeleceu uma relação obscura, cinzenta e complexa com relação às práticas persecutórias e seus sustentáculos sociais, também no meio piauiense”, ou seja, revelam uma zona de “cinzenta” de apoio às práticas repressoras do regime ditatorial realizada pela imprensa, no sentido que os jornais não só sofriam censura ou se autocensuravam, como alguns



deles em determinados momentos visando não se indispor com o regime e ter boas relações com o governo, decidiram não apenas se acomodar, mas colaborar com o regime ditatorial, através da difusão de narrativas que justificavam os militares.

Todavia, embora defendamos a existência de uma “zona cinzenta” entre os diversos setores sociais do estado do Piauí com o regime ditatorial, como a imprensa que aderiu e apoiou o golpe de 1964 e o início das medidas repressoras da ditadura, não significa que os jornalistas e editores dos jornais concordassem com todas as medidas de exceção do regime ditatorial e que também não fossem atingidos pelos instrumentos repressivos do governo.

Considerações finais:

Portanto, defendemos que a imprensa piauiense, apesar de não descartarmos o perigo que os jornalistas e os editores dos jornais podiam ter com o regime ditatorial, acreditamos que alguns deles não apenas apoiaram, como aderiram a ditadura militar, praticando a autocensura e difundindo representações que pretendiam validar o regime ditatorial que se instalou.

Verificamos que a imprensa piauiense escrita, representou no contexto do golpe civil-militar em Teresina, um cenário de calma e tranquilidade, sendo que adiante difundiu e justificou as prisões políticas e violências realizadas pelos militares com o pretexto de “salvaguarda” a democracia e impedir a “subversão” comunista.

Avaliamos que as representações “exaltadoras” sobre o golpe e o regime militar divulgadas pelos jornais *O Dia* e *Estado do Piauí* pela maneira que superdimensionava a influência dos comunistas no Brasil e no estado do Piauí, indica que além de tentarem justificar o novo governo para a população, revela a contribuição na construção de um imaginário positivo sobre o golpe de 64, de que se não fossem as Forças Armadas, “o Brasil corria o risco de se tornar um país comunista”.

A postura da mídia imprensa esclarece que a ditadura militar, apesar de ser dirigida pelas Forças Armadas, teve apoio e adesão de setores da sociedade e no estado



do Piauí, percebemos que não foi diferente, uma vez que jornalistas, escritores, políticos, bacharéis em direito, militares e entre outros grupos ligados as elites, utilizaram a imprensa para apoiar naquele momento o golpe de 1964 e o regime ditatorial que foi instalado.

Referências bibliográficas:

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968- 1978):** o exercício cotidiano da dominação e resistência: O Estado de São Paulo e o Movimento. Baaru (SP): EDUSC, 1999

CASTRO, Francisco J. Leandro Araújo de. **1964:** memórias e culturas políticas no Piauí. Teresina: Cancioneiro, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3 ed. Trad: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 1998.

DANTAS, Deoclécio. **Marcas da Ditadura no Piauí.** Teresina: Gráfica do Povo, 2008. p.99.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda:** Jornalistas e Censores do AI 5 à Constituição de 1988. Tese (Doutorado em História): Campinas (São Paulo), Unicamp, 2001.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A censura e o rádio do Piauí. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR; F.C. Fernandes (Orgs). **Rádio:** encruzilhada da história: rádio e memória. Recife: Bagaço, 2006. p.23-58.

MOTA, Carlos Alberto de Melo Silva. **Por dentro da pauta:** história política e cultural na imprensa do Piauí. Teresina-PI: EdUESPI, 2024.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Contra a foice e o martelo:** considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O Dia”. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007



OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Da terra ao céu: culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964).** Teresina: Cancioneiro, 2020.

TITO FILHO, Arimathéa. **Teresina meu amor.** 2 ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

Fontes hemerográficas:

Desbaratado o Partido Comunista, Secção do Piauí. **O Dia:** Teresina, 05 de abril de 1964, n. 1.209, p. 1.

Guarnição Federal de Teresina - Nota. **O Dia:** Teresina, 03 de abril de 1964, n. 1207, p.1.

Marcados para morrer. **O Dia:** Teresina, 9 de abril de 1964, n.1212, p.1

MENDES, Simplício de Sousa. A democracia reage. **O Dia:** Teresina, 20 de março de 1964, n.1198, p.3.

MENDES, Simplício de Sousa. Estado Maior de Subversão. **O Dia:** Teresina, 15 de março de 1964, n.1194, p.3.

MENDES, Simplício de Sousa. Técnica comunista. **O Dia:** Teresina, 05 de abril de 1964, n.1208, p.3.

MENDES, Simplício de Sousa. Comunismo e a revolução. **O Dia:** Teresina, 02 de abril de 1964, nº1206, p.3.

MENDES, Simplício de Sousa. As raízes do câncer. **O Dia:** Teresina, 8 de abril de 1964, n.1211, p.3.

MENDES, Simplício de Sousa. Terror comunista. **O Dia:** Teresina, 12 de abril de 1964, p.3.

Por Deus pela Liberdade. **O Dia:** Teresina, 21 de março de 1964, n.1199, p.8

SILVA. Cunha e. A missão do governo revolucionário. **Estado do Piauí:** 14 de maio de 1964, n.641, p.1.

Teresina: situação de calma e ordem. **O Dia:** Teresina, 02 de abril de 1964, n. 1206, p.8.

Trégua e Prece. **O Dia:** Teresina, 26 de março de 1964, n 1495, p.1.

“Resumo dos acontecimentos na Guarnição Federal de Teresina, com início de 31 de março de 1964”. **Estado do Piauí:** Teresina, 18 de junho de 1964, nº 651, p.1-3.